

«A HUMANIDADE VIVE A NOVA ERA!?»

A primeira década do século XXI abriu lugar aos novos interventores, designadamente às sociedades e comunidades civis e às opiniões públicas. Os ecos de «silêncios das vítimas», que incomodavam Martin Luther King Jr., são encontrados nos quatro cantos do mundo e as convulsões, e muitas outras formas de manifestações, são novas armas utilizadas com e sem sucesso contra abusos e desrespeitos dos poderes públicos ...

Quanto ao que interessa sobre o tema em concreto, acredito que a Humanidade ainda não vive a nova era, nem tão pouco é previsível o caminho a seguir pelo mundo. Os acontecimentos de mudanças que se vivem não constituem uma continuidade da consequência das novas formas de fazer a paz pela guerra ou por outros meios, mas tão-somente se configuram num período de transição, baseado na alteração do desenho (mapa) das alianças político-económicas a nível mundial para uma possível formação de ordem internacional que se pretende concretizar.

Desejo mui sinceramente que se crie, de facto, uma ordem internacional efetiva, onde todos os indivíduos se possam sentir na paz e os culpados sejam responsabilizados pelos seus atos, com a devida imparcialidade e respeito pelos Direitos Humanos e Direitos Fundamentais. Mas sabemos que não será com a formação de novas estruturas políticas dos Estados com convulsões sociais, ou não, que se conseguirão estes objetivos.

O poder nunca nos é dado, conquista-se (dito por alguém). Por exemplo, o Sudão viu dissolvida a causa das suas guerras com a formação das autonomias Norte e Sul, mas o futuro deste Estado, o futuro dos restantes Estados Africanos, o futuro da Europa, dos EUA e da própria Humanidade depende fundamentalmente da forma como todos os indivíduos (com as responsabilidades acrescidas para os dirigentes) olham para a lógica das ideologias e para as vantagens que pretendem retirar das contribuições de cada Nação no Mundo, sem descurar as coesões organizacionais de cada Estado.

Estados são corpos com vida própria que, por sinal, vivem confrontando-se uns com os outros, em que os seus punhos são os indivíduos, as empresas e as organizações. Enganam-se aqueles que acreditam que as empresas internacionais não são parte dos respetivos Estados ou que estes não têm nada a ver com os comportamentos daqueles. Não são efetivamente quando a empresa ou a organização internacional atuar na arena da atualidade/globalização *per si*, mas são sempre parte de um Estado (as empresas, as

organizações e os indivíduos) quando há proveitos, ou seja, podemos falar da globalização das empresas, do capital, dos indivíduos e do que quisermos, mas o destino dos proveitos da globalização é sempre para aqueles Estados que se sentem detentores e donos das estruturas globalizadas, só depois sendo ajudados os que não entram nessa distribuição.

As Empresas multinacionais não pertencem a todos os Estados do mundo!? Os proveitos da globalização são distribuídos em partes iguais entre os Estados membros das Nações Unidas!? A UN move-se com vista à promoção dos que estão na linha da frente da sua construção. Este é o modelo de funcionamento. A era em que vivemos, bastante tratada anteriormente, é de facto um período de transição que o mundo atravessa.

Até onde caminha o mundo? Vivemos um refazer das coisas internacionais sem pensamento definido, em que todos os Estados são chamados a tirar proveitos, mas sabemos que os beneficiários são sempre os mesmos. E quanto às convulsões sociais que vivemos na atualidade, tal constitui de facto o bom caminho, na medida em que se atravessa a verdadeira emancipação global da sociedade civil e dos indivíduos, que hoje em dia já conseguem contrariar muitas monstruosidades dos dirigentes, inclusive os de certos Estados chamados desenvolvidos (não pode ser considerado ético e moral quem não respeita os Direitos Humanos e Fundamentais, nem os Estados que simulam ser de plena democracia).

Neste sentido, caminhamos para uma desordem dos equilíbrios que se pretende internacionalizar. Para dar uma pista desta desordem termino com uma questão. É verdade que os Estados nos quais se destacam mais situações de convulsões sociais são os que têm governantes com mais de uma década de mandatos e os povos são vistos como oprimidos?

Isso levanta duas outras questões. A primeira é a seguinte: até que ponto os Estados ditos desenvolvidos estão imunes às convulsões sociais? Acho que o que faz a diferença é a capacidade de resposta aos pedidos de satisfação das necessidades públicas, o que não tem necessariamente a ver com o facto de o regime ser democrático ou não, uma vez que só nas democracias reais se reúnem condições de paz e bem-estar duradouros.


A segunda questão: o que ganharão as populações dos Estados em convulsão com os pedidos concretos no sentido da substituição ou reestruturação dos seus governos? É preciso não se esquecer que a própria democracia precisa de ser tratada como uma planta (desde o nascimento dentro de uma sociedade até o progresso desta) e nada garante que se venha a confirmar a ideia Ocidental de uma ‘democracia global’.

Se quisermos falar em democracia para os Estados em convulsão, a verdade é que à medida que os poderes estão caindo, nos casos de consumação de derrube de poderes, só o futuro dirá se o forte desses Estados é a democracia, até serem conhecidos os candidatos às chefias de soberania. E nas sociedades em que as disputas continuam estão abertas as possibilidades de qualquer cidadão ou grupo, de cada Estado em reestruturação ou em crise do poder, ser governante, inclusive podem impedir a re formação do novo regime ou dar preferência a um falso regime democrático.

Cada vez mais está tudo em aberto nestas sociedades, tal como nas sociedades mais coesas e sob qualquer regime, isto é, os dirigentes são obrigados a respeitarem as suas obrigações e a cumprirem as suas promessas.

Finalmente, resta-me dar o toque conclusivo da questão subjacente ao tema: para onde caminha o mundo das Nações? Caminhamos para a vitória da opinião pública e das sociedades civis internacionais, sendo as solicitações feitas via internet e pelas novas formas de comunicação respondidas com fervor e fulgor ilimitados em prol de interesses nacionais. A forma como todos os indivíduos (com as responsabilidades acrescidas para os dirigentes) olham para a lógica das ideologias e para as vantagens que pretendem retirar das contribuições de cada Nação no Mundo pode, de facto, fazer a diferença, para o bem e/ou para o mal de uma Humanidade que não se pode dizer que é ou será melhor do que antes.

Bem-haja...

 A portrait photograph of Nuno F. Silva, a man with short dark hair, wearing a dark suit jacket over a light-colored striped shirt. The photo is set within a white-bordered frame. In the bottom left corner of the photo, there is a timestamp: "16/10/2010 18:10".	<p style="text-align: center;">Nuno F. Silva (Doutorando em Direito da F D U N L) / E-mail: nunodestp@hotmail.com /</p> <p style="text-align: right;">Data: 04 de Dezembro de 2012</p>
--	---

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respetivo conteúdo e citações efetuadas.